

Rosidelma Pereira Fraga

AFRICANUA

E outros poemas Afro



ILUSTRADORA
Kaiwino Wiz



Rosidelma Pereira Fraga

AFRICANUA

E outros poemas Afro



ILUSTRADORA
Kaiwino Wiz



I São Paulo I 2024 I

peripécia

Apoio da publicação deste livro:

Edital 08/2023 de Grupo de Pesquisa Africanidades, Literaturas
e Minorias Sociais - PRPPG/UNIVERSIDADE FEDERAL DE RORAIMA.

Ministério da Educação. UFRR.



DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

F811a

Fraga, Rosidelma Pereira -
AFRICANUA e outros poemas Afro / Rosidelma
Pereira Fraga. – São Paulo: Peripécia, 2024.

Livro em PDF

ISBN 978-65-88192-31-3

1. Poesia afro-brasileira. 2. Africanidade. 3.
Literatura Afro-brasileira. 4. Arte africana. 5. Negritude.
I. Fraga, Rosidelma Pereira. II. Título.

CDD B869.1

Índice para catálogo sistemático:

I. Literatura Afro-brasileira - Poesia

Simone Sales • Bibliotecária • CRB: ES-000814/O

SUMÁRIO

Copyright © Pimenta Cultural, alguns direitos reservados.

Copyright do texto © 2024 Rosidelma Fraga.

Copyright das ilustrações © 2024 Kaiwino Wiz.

Copyright da edição © 2024 Pimenta Cultural.

Esta obra é licenciada por uma Licença Creative Commons:

Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional - (CC BY-NC-ND 4.0).

Os termos desta licença estão disponíveis em:

[<https://creativecommons.org/licenses/>](https://creativecommons.org/licenses/).

Direitos para esta edição cedidos à Pimenta Cultural.

O conteúdo publicado não representa a posição oficial da Pimenta Cultural.

Direção editorial	Patricia Biegging Raul Inácio Busarello
Editora executiva	Patricia Biegging
Coordenadora editorial	Landressa Rita Schiefelbein
Assistente editorial	Júlia Marra Torres
Estagiária editorial	Ana Flávia Pivisan Kobata
Diretor de criação	Raul Inácio Busarello
Assistente de arte	Naiara Von Groll
Editoração eletrônica	Andressa Karina Voltolini Milena Pereira Mota
Estagiárias em editoração	Raquel de Paula Miranda Stela Tiemi Hashimoto Kanada
Imagem da capa	Kaiwino Wiz
Tipografias	Acumin, Abril, African Style, Elizeth
Revisão	A autora
Poesia	Rosidelma Fraga
Ilustrações	Kaiwino Wiz

PERIPÉCIA
Pimenta Cultural

São Paulo • SP

+55 (11) 96766 2200

livro@pimentacultural.com

www.pimentacultural.com



peripécia®

2 0 2 4

SUMÁRIO



**Em nome do amor excelso
e da luta das minorias sociais,
aos meus filhos, Ivan e Tauany
e a todas pessoas neurodivergentes
dedico versos de resiliência,
resistência e africanidades.**

Sumário

Prefácio.....	8
Africanua.....	11
Afrofilia	13
Eurídice	15
tAMbOR	16
Leque negro.....	17
Orpheu negro	19
Amor de caboclo.....	20
Pretas Madalenas	23
Canção do africano	24
Como se fosse sol.....	27
Poesia negra em branco.....	28
Pecados de amor	30
Chamas.....	33
Amor e Oxalá.....	34

Vozes e silêncio	36
Capoeiramor	39
Coroai-me de AMOR	40
Poemado de sol.....	42
Recanto de preto	45
Ballade and Poetry	46
Alinhavos.....	49
Rascunho.....	50
Preto livre	51
Cativos	52
Cristo em Angola.....	54
Fotografias	55
Silêncio! Há fome de preto!	56
Despacho	58
Canção do Umbandista.....	59

Africano	60
Prelúdio negro-amoroso	62
Eu preciso falar de amor	64
Guia	66
Serviço de preto	69
Manifesto da poesia	70
Sobre a autora	71
Sobre a ilustradora	73

Prefácio

Fazer literatura é labirintar-se nas veredas da medicina. É curar-se. Neste caso, é curar-se pela palavra. Palavras de gozo, curvas no silêncio da aorta. É curar-se de uma razão que coisifica o corpo, desumaniza as curvas carregadas de nervuras ou impõe pedras no sopro do “tambor”.

Rosidelma Fraga é uma artesã da palavra dedicada linha a linha. Suas palavras evocam o cheiro que navega pela boca das ancestrais. Se achegam pelo sopro dos atabaques, tem pele de terreiro.

“Noite” e “dia”, Rosidelma costura olhar como quem lambe ou se lambe ao despir da terra.

Não se pode trançar um olhar desavisado ao Africanua sem estar atento às ilustrações de Georgina Sarmento que conspira com o livro. Corpos que dançam reinventando a curva na aorta e no tempo. Cada passo, cada enlace ruminam profundo no atabaque, assim como no poema. De lá gritam as Madalenas, as Carolinas, as Bacantes, que fazem a travessia atlântica como quem se ‘despe’, como quem “canta o silêncio”, como quem se desnuda ao som do tambor que ecoa dos porões da “minha alma”.

Desde a palavra, a poeta traz para o terreiro do poema a lira de Orpheu, carregada de “incensos”,



“gemidos” e “cheiros” da terra. Em teus poemas navegam um rio de evocações, encruzilhadas de dor, gozo, revolta, resistências e “escrevivências” (Conceição Evaristo).

A poeta provoca nossos sentidos. Sentimos o cheiro que exalas de tuas escamas navegantes. Quando se achegas, repousa a palavra bem ao rés da pele negra. Rosidelma evoca (des) medida) outras costuras, linhagens que vem desde dentro.

Fico muito feliz em ler e falar de tuas poesias. Cada uma é atravessada de força terrena e corporal. Neste mar de Bacantes, Madalenas, Orpheus, o tambor é força motriz que amanhece ao som de mil atabaques.

Neste cenário, a poeta, professora e doutora Rosidelma Fraga, se evoca. Se achega às Carolinas, Conceições, Marias. Se reveste das tranças. Traça o risco e se arrisca na ginga. Berimbaliza bordados a partir das memórias das mulheres pretas e escurece o cheiro que se achega de longes cantando a vastidão negreira de ser.

Evoé-Axé

Milton Sankofa

(Poeta de Americana – SP, autor de diversas obras em Cadernos Negros no Brasil).





Africanua

Rabisco uma rima que vem do **TAMBOR**

Teço a poesia de minha nudez em **FLOR**

Reescrevo a cena negreira de tua **DOR**

E a África resiste com seu grito de **AMOR.**





Afrofilia

benzi o amor
de arrudeira
saiu trevo
de poemas,
suor de preto
e atabaque...
meu terreiro
virou poesia.



Eurídice

*(Minha avô negra,
símbolo da resistência)*

no sangue de minha avó
corre minha história
por isso me dispo
por isso grito
por isso vibro
por isso poetizo

avó preta
de pés ligeiros,
sacudiu a poeira
bateu barro
socou pilão
e fez meu chão...



vem, negra flor,
bate esse tambor!

vem, amora pretinha,
a noite já vai caindo
e tu estás aí, linda
sorrindo feito Rainha!

rodopia, negra!
cante, encante,
e sambe a vida, Eurídice,
que África é tua, noite e dia.

tAMbOR

Na boca do
Barlavento
meu poema
geme sedento.

No t**AMbOR**
de teu silêncio
tua ilha rasga
o rosto da terra.

Africando em mim
tuas negras algemas
vestem-me de insensos...

porque na ilha do amor
o teu Deus
que é cupido meu e teu,
sairá do mar de Iemanjá

e meu verso livre
todo negro,
todo cabo-verdiano,
beberá o teu corpo
e a poesia fará sentido.





Leque Negro

poema é um leque de palavras negras
o poeta é aquele que rasteja desejos
e a poesia é África flamejando nas veias.



Orpheu negro

meu Orfeu tece em mim
os sabores da eternidade...
meu Orfeu veste em mim
o tecido de seu corpo suado
e em meu corpo faz morada

meu Orpheu é o retrato
do corpo que samba,
da canção que sangra,
de Lilith que dança,
de Madalena que ama
e do gozo em chamás

meu Orpheu vibra todo afro
e nosso gozo se faz cascatas.
Meu Orfeu degusta em mim
o gozo de amantes metáforas
e geme de amor e vozes caladas.

A^{mor} de caboclo

cantei teu verso negro,
na roda de capoeira...
travesti-me de baiana
dancei em teu terreiro...

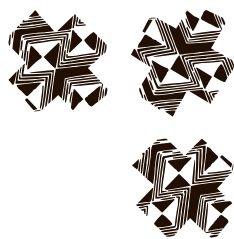




teu verso repente e suado
ecoou por sete mares...
vem soltar as algemas
vem despir meu poema
vem voar canção, morena...

na roda de poesia, veio preto velho
sambei tua ausência no escuro
e recebi teu amor de caboclo
vestindo-me de um orgasmo puro.





Pretas Madalenas

em dia de índio
ou dia de rio
ou dia de preto
não quero sossego
quero-te todo meu
quero ser tuas madalenas
Lilith, Eva e Bacantes
Depois adornar-te
De Amor dos Amantes...
Quero ser duas em uma,
Ou três, todinha nua,
unicamente África
como se fosse eternidade.

Canção do africano

presenti tua africanidade,
e seus encantos
ouvi o piano e seus traços,
o órgão é a memória de Jubal
tudo me lembra a história
dor de negro vira silêncio
porque lugar de preto é na Arte...

corpos de negros africanos
bombavam o som da música...
a Dor negra virou a tua poesia
que gemeu décadas em mim...





tuas águas se misturam as minhas águas
temos enfim almas tatuadas nas bombas
almas cruzadas pelo oceano na encruzilhada...
lá não tem religião e não há anjos coloniais
há somente teu corpo nu e minha África
consagrados em atos de Amor e liberdade.

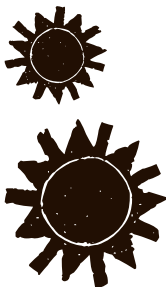


Como se fosse Sol

venha ver meu sol
em dia de branco
em noites de encantos...
tocarei teu cheiro
e desnudarei teu pranto...

faça-me tranças
em castelos de êxtase...
dançarei em teu corpo
como se fosse amor
como se fosse flor...

segure meu corpo
como se fosse cordas
em tom suave de sol...
guardarei teu cheiro preto
como se amanhã fosse hoje
em som de eternidade.



Poesia negra em branco

eis-me agora com a folha em branco
e teus dedos me ensinando memórias
para escrever-te ausências e suas histórias...

tuas mãos negras dedilham-me
em tuas veias misturadas de canção
meu corpo em teu corpo é verso
é poesia que também é Deus...
porque se Deus está em tudo
ele há de ser nudez de preto,
ele há de ser nós, sem nós nos lençóis.

feche teus olhos africanos e escute amor,
o silêncio só pode ser o assobio de Deus!
E o amor se existe mesmo, grafou-se nos detalhes.
nas sinas e nos destinos de estarmos sozinhos...
porque a solidão é o lume de estrelas
que deixei escrito nas chamas de teu olhar...

e a folha branca conduz ao poema
que espero ensinar-me a escrever
porque metade de mim é pedra
e a outra metade é a grafia dela...





ensina-me a pintar a solidão dos bares
para quando eu não estiver mais aqui...
e no instante que eu for embora,
cante-me o verso que nunca fiz
e em meus versos interroga-te
no meu amor dos amores sem respostas...

garde a folha em branco do verso
em todos os encontros sagrados
de amores e do amor somente.
Eu estarei no amor das madalenas
sempre a despir tua boca e teus poemas...
pois ainda que fosse mais que bandolins
o amor há de ser mais que um sim...
o amor há de ser mais que chão de giz
porque dois corpos não se amam
como melodias e sussurros a dançar...

deixe a poesia de tua alma
encontrar com outras almas
porque o amor é tudo que
nenhum vento africano não traz...
o amor há de ser a razão sem razões
das canções que me virás escrever,
porque o amor é o canto de lavadeiras pretas
a bailar o sono do menino preto dormindo.

Pecados de amor

“quem é justo atire a primeira pedra”
ouço os sons de Cristo a libertar-me
e é por isso que saio sem as alças
do soutien no frescor da madrugada
e o poema vem sem formas e nu...

ora, não gosto de nada no lugar
de nada que suscite pureza e castidade....
um poema precisa ser pecado
precisa ser liberto
precisa de orgasmo...

e neste poema, meu bem,
saio sem saias e ensaio poesia,
faço dramas de quem sente saudades,
mas a saudade também é piegas...



e de mim nada terás além
de Madalena retinta de amor...
de mim, nada terás além de corpo
porque se queres amar
ame com versos,
ame com o corpo suado,
com teu cheiro de preto...
pois de mim, terás corpo e poesia...

e no fim da estrada e no escuro dos poetas,
deixarei a calcinha do pecado na esquina...
Cristo estará em mim e em ti...
certamente ele é preto e será nossas vozes
e a redenção de todos os poetas mortos...



Chamas

Chamas-me, amado meu,
África de meus desejos!
E tens-me na aurora
vaidosa e fogosa
a suspirar-te em versos.

Chamas-me, meu amor!
E eis-me em chamas
a borbulhar meu corpo
para depois mergulhar
em teu gozo todo afro
todo divino,
metade homem
metade menino.
E serei a sereia
a dançar nas águas
de ti em mim
como dois amantes
em chamas
até que o silêncio diga
que me amas
que te amo!



A mor e Oxalá

fazes-me rimas
de Camões, indrisos,
haikais e versos mais...

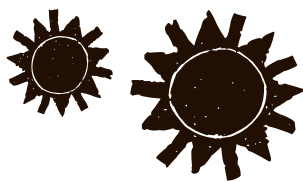
louvo-te ao som
de Nat King Cole
e saio de tuas rimas...

visto de música
teu poema disfarce...
lá dentro da nudez
do poema, eis que leio:
quem rege nossa poesia
é o arquiteto do amor
ele nunca dorme,
é negro
é oxalá
e teus orixás.

Vozes e Silêncio

ilhado da poesia do corpo
entoastes meus versos...
versos naufragados
de silêncio e arte
que deságuam
na gratidão que me toma...

tua voz negra parece beijar
a ardência da alma enciumada
deste país de amor e encantos...
Cabo Verde, de onde
ouço os sinos de Corsino
nas fontes de meu silêncio,
de tua ausência, de teus ventos.



de olhos vendados de poesia,
meu sangue bebe a sonata
que vem de tua alma amada...
amados serão todos os poetas
negros que colorem nosso sangue...
amores serão todos os amantes,
por mares africanos navegados,
por ilhas sonhadas, por vozes caladas...

e na maresia de meus sonhos rabiscados
eu, poeta do amor, codinome beija-flor,
gracejo em desenhar a arte de tua cor,
cor de amora, aroma dourada, cor da noite,
na canção de tua voz tatuada de orixás...





Capoeiramor

meu poema nascerá ao som
de mil atabaques e agogô ...
teu verso dança a rima de preto
e rodopia,
e rodopia
e rodopia...
na encruzilhada da poesia
os versos mudos se comunicam...

falar em língua de crioulo produz
canto, poesia, tambor e orixás...

em mim nasce Xangô,
roda de justiça e capoeira...
na roda que o tempo pranteia
meu corpo suado, sem nada
curva-se no retinto de tuas veias,
onde o amor vai despindo afrofilia
e em Aruanda o amor terá sentido...

Coroai-me de AMOR

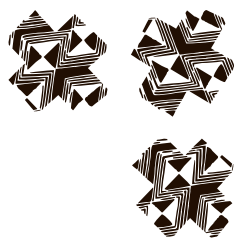
(Um Poema em Meu Aniversário)

coroai-me de verdades absolutas
não me tinjas um poema de brandura
meu corpo já não cabe o fingimento
de uma sensibilidade líquida e medida

coroai-me de ausências que tanto canto
coroai-me da canção de Mozart em silêncio
coroai-me daquilo que não seja efêmero

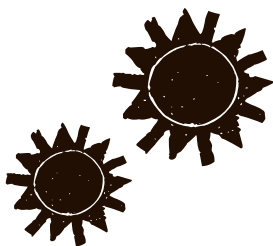
coroai-me do cândido sorriso
da menina que vestiu a fome
e bebeu os pedaços do abandono

coroai-me de rosas de todos os amantes
coroai-me do amor de todos os gêneros
coroai-me do AMOR e do AMOR somente



coroai-me da pele negra excluída
coroai-me do amor divino
mas não me venha com religiões
não ando mais com um Deus maléfico
o Deus em mim é todo negro e tição
o Deus em mim é a chama do amor
que o vento e o tempo não consomem

e se o amor de Deus é humano e sangra
coroai-me então do riso largo da prostituta
que perdeu a calcinha do pecado na esquina,
sem pudor, preta ou branca, sem religião,
mas com o sentir de gente, com Amor e Perdão...
coroai-me do azul-perdão no olho do mendigo
porque já não quero um sentimento de mundo
que minhas entranhas não mais darão as mãos.



Poemado de Sol

poemar-te
ao romper da aurora
é como ver Deus...

ainda que tímido,
o sol espelha teus raios...
trêmulo, ele vem a mim,
toca e despe meu corpo
de notas negras
como se fossem tuas mãos.



ouço-te na sinfonia dos pássaros,
dos passos de amantes
que à lua adormeceram

vejo-te enfim ao sol
e de olhos vendados,
sinto-te, meu amor, aqui
devoro o cálice de teu corpo
que ora foi nossa música
poemada a céu aberto...



Recanto de preto

entrei no recanto
com pretos suados,
rasgados, amassados...
toquei meus tambores
de poemas e sons vulgares...
sambei pé por pé...

saí toda flor de mansinho
certa e viva como pétalas
bebi as gotas de nossos versos...
versos epigrafados juntos
que espelham o amor
em carne e osso...
sangrando preto,
despindo preto,
gritando preto,
sem cortes, eterno.



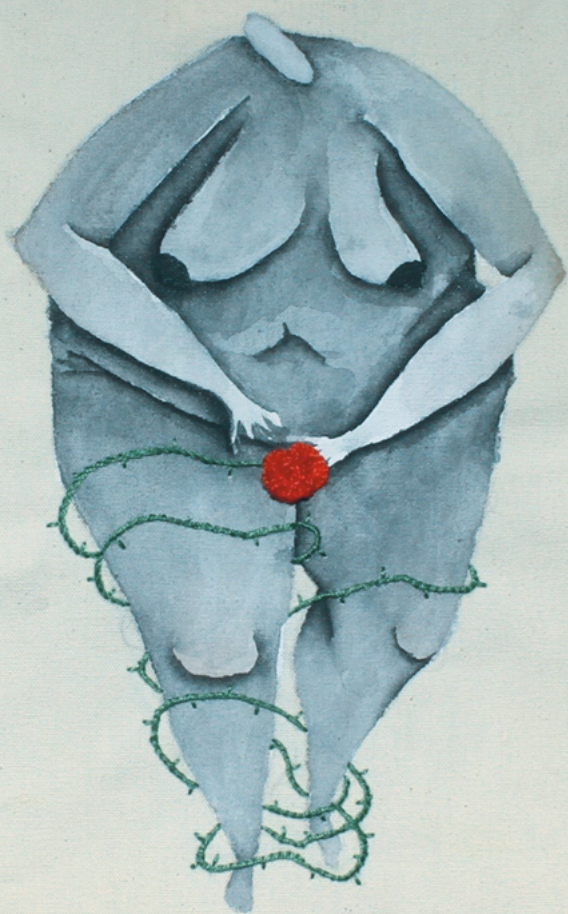
Ballade and Poetry

teus dedos dançavam
às teclas nuas do piano.
A epifania que move poetas
soava as palavras surdas,
inexatas, sem pautas e rimas
qual som do açoite africano



é assim do instante metafísico
que a poesia se despe ao lirismo
de minha nudez de prostitutas
que se faz música, rima e danças

Ballade pour Adeline, eis a canção
dos versos que adornastes em prantos
mas os escravos choraram antes de ti...



A linhavos

jamais escreverei versos naufragados
de um lirismo mecânico e vestido de solidão

o poema que ora teço vai despindo alinhavos
e nas costuras de África o Amor é nudez

minha nudez desabrocha como muitas rosas...
meu amado caminha entre espinhos há horas

e no cais de horas que parecem intermináveis,
alinhavo palavras doces de metáforas,
banho a pele de Madalena com unguentos,
e o poema vai abrindo as delicadas pernas

ora, não demores, meu amado!
meu corpo e minha alma de poeta,
já te esperavam em noites-afro

e não te esqueças sequer por um segundo
que em mim tu esquecerás a solidão de mundo
em mim tu terás o abrigo do Amor sem medida,
terás todas as mulheres nuas em forma de **FLOR**.

Rascunho

dizem que escrevo por aí,
mas não abro as palavras
amassadas e pretas ao chão
e não rascunho verbo por aí.

dizem que teço amores por aí
porém faço poesia como se despe
no escuro dos dias orgásticos

dizem que canto o silêncio por aí
mas minhas mãos apenas tocam
os nós de carolinas presentes

dizem que escrevo por aí
mas faço versos como quem
sequer espera ao fim da rua
e jamais caminha por aí

antes de tudo, rascunho a poesia
que não será o deleite da escritura
enquanto o livro guardado em mim
espera teu corpo negro de todo amor.



P

reto livre

escrevo versos livres
como Walt Whitman...
pinto rimas de liberdade
como quem beija um escravo...
espero a canção de amar
como verbo intransitivo,
incompleto,
complexo,
convexo,
côncavo de eternidades
e que o amor possa
caminhar liberto
como aquele cão de rua
a esperar o cheiro
de uma fêmea ladrando
vidas...
porque poesia é a voz
de criar nascimentos
o nascimento da poesia
haverá de ser Deus
dançando em nossa África.



Cativos

entre mimos
molhados
e babados,
tu vens, retinto
adoçar rimas...
em noites afros
tu vens tocar-me
feito menina...

entre rimas
e mimos
saio para afagar
o teu corpoema...

vestida de algemas
solto tuas correntes
para sermos cativos
um no outro e do outro
em gritos sem dor.





Cristo em Angola

achou que eu era rio?
sou preta em mar navegado
em seringal explorado
em savanas de Angola
com saia de Guiné-Bissau...

se me deres um remo navego poemas
só não bebo lágrimas de Portugal
sou o sal da terra que Cristo amou
no deserto e chorou dia e noite
até seu sangue angolano tingir o céu.



Fotografias

a fotografia da eternidade
despe-se a olhos cegos
cores táteis abrem-se ao véu
da África em silêncio suave

o meu tempo passado
é o presente sentido
o futuro será o grito africano
cada tempo tem um grito
que soa preso e marcha
no atabaque da poesia...
que baila na travessia
de outras vidas seminuas

a nudez do teu corpo cênico
fotografei no instante absoluto
da tríade:
passado, presente e futuro...
eis a mulher de almas coloridas
na direção da morna africana.

Silêncio! Há fome de preto!

acordo com barulho de preto gemendo
gemendo como negro na senzala
sem carro de boi
gente vira cães na rua morta...

vejo um homem catando detritos
pelas brechas do portão. É tição!

meu Deus, que horror!
sinto o bicho dando bandeira!

ouço vozes ecoando no porão da minha alma:
ninguém passa fome no meu país,
ninguém, ninguém, ninguém...



minha poesia surda resiste
cambaleia, insiste
e grita gotas negras de meu ventre:

SILÊNCIO!

HÁ FOME DE PRETO NESTE PAÍS!

Poema fome

Chuvisco de branco
teu amor de preto.
Poemo de sede
tua boca de Zeus.
Entre laços e afagos
Sou teu poema-fome
Na sede de um só dia.

Já Bacantes, molhados e insanos,
somos uma página intensa
de gozos, delírios e afrodites.
Somos duas metades únicas
porque amar-te vorazmente
é como beber o gozo da criação.



Despacho

Mando folhas de poesia
trevo de amor
de meu terreiro.

E o teu não-amor
jamais me toca...
Benzi de arrudeira.

Canção do Umbandista

Viajei em teus versos
de Umbanda a Artista.
Em Aruanda despi teus lábios
de maresia e eterno encantos.

Em eterna ausência minha
tuas mãos esculpiram meu riso.

Todo despido meu eu-lírico
quis voar em teu cheiro e já não pode.
Apenas em silêncio geme meu verso
na canção do teu amor africano
que ainda reina em meu sangue.



Africano

Quero-te vestido
de um deus africano,
vestido de branco,
tocando atabaque.

Espero-te negro
ou luso-afro-brasileiro.

Quero-te sem mácula

Quero-te sem mágoas.

Quero-te em todos ecos
Ou insano, louco, Édipo,
Ou louco, ébrio e Tirésias...
endeusadamente, quero-te.

Quero-te meu menino cego,
o deus que me lê por dentro,
o anjo que me enxerga por fora
e me toma sempre sem demora.

Não importa onde nem a hora:
se no céu ou no inferno,
se no altar dos santos,





se no lugar de anjos,
se no lugar de passe,
se no passe dos ventos
que trazem os espíritos
de toda a sua alma, minha...
de todo o teu corpo, meu...

QUERO-TE na força da poesia,
na física quântica dessa prece...
porque eu sei que ficaremos juntos
como o sol nasce e se põe todo dia.

Quero-te simplesmente, Hélio,
porque amo-te sem reservas.
Sou tua, excluindo todas as religiões
Sou tua, incluindo o nosso amor.

Prelúdio negro-amoroso

curvo ao chão em êxtase
para apalpar a intimidade
das notas absolutas da poesia

meu verso retinto ouve o silêncio nu
e o silêncio se faz a ausência tua





lá fora, os pássaros ajoelham-se
e Oxalá pincela teus olhos cegos
que parecem duas luas gêmeas

do firmamento nossas Alma
inseparáveis cantam aos pássaros:
Jesus, alegria dos homens, meninos...
e o teu corpo vira África em mim.

Eu preciso falar de amor

sento-me de frente ao caos
o caos não está morto
o caos vai me devorando...
a salvação é falar de amor
mas o amor não é novidade
contudo preciso falar de amor
insisto, persisto e busco o amor

o amor saiu às ruas...
o amor tirou as saias...
o amor levantou bandeira
o amor protestou e gritou...
o amor despiu meu pranto...
o amor explodiu seu canto...
o amor, em prantos, ajoelhou...
o amor sentou em meu colo...
o amor bateu a aorta da poesia...
o amor gritou a fome de preto
o amor abraçou a preta na calçada



o caos não se conteve ao poema
o caos apaixonou-se pelo AMOR.
Silêncio de Ogum

Silêncio é guardar o voo do pássaro
que passa na janela a fitar teu chamado.
Silêncio a pena, mas o poema pressente
o teu cheiro trazido por Ogum e pelo vento...
nasce a poesia no luzir de teus passos.

Guia

meu guia que sente os aromas da alma
e sabe a fragrância dos orixás celestes...
teu corpo me despe e teu ser me deságua...
tem cheiro de negro o teu Amor agreste

vestir-me em tua pele, tocar o teu cheiro
é chamado de atabaque de tuas mãos no terreiro
inspirar os teus versos, dormir no teu peito,
convida-me África, nua, excitada e faceira

as rosas nuas tocam o teu beijo em mim
as chamas espalham o Amor noite e dia
e a memória de África em nós resiste

são histórias que perduram no amor sedento
de estar um no outro como poema infinito,
do orgasmo sem fim em corpo de afrofilia.
Somos Carolinas, Evaristos e Marielles
Não cantaremos mais o medo
de flores nervosas de pânico.
Cantaremos ritmo de lutas e rimas
de Marielles e também Carolinas.

Bordaremos nossos haikais
com histórias cheia de ais
mas cantaremos as memórias
das pretas mulheres mais.

Louvaremos a favela nas vozes-
mulheres não mais caladas
e não silenciadas e presentes.

Sairemos às praças e esquinas
no berimbau de Carolina
nas lágrimas insubmissas
de Conceição Evaristo
e cantaremos num só repente:
Marielle, aqui presente.





Serviço de preto

faxina-se alma de preto velho...
varre-se palavra no entulho
do lixo se faz arte e luxo
lugar de preto é na poesia

cata-se verso de hienas
despe-se alma de algemas
lugar de preto é no poema

o lixo serve para africanidade...
melhor guardar toda arte...
vai que passa um poeta
e leve a poesia na sacola
e rouba um lápis cor de pele
lugar de preto é no verso meu.



Manifesto da poesia

(Para Carolina Maria de Jesus)

Fica decretado na Lei 13 mil do Universo, os artigos, a saber:

Art 1. O amor de Deus acolherá pretos, pardos, indígenas, quilombolas, órfãos e Madalenas.

Art. 2. Não haverá poema que fale de ódio, misoginia, homofobia, gordofobia, transfobia, etc.

Art. 3. Não haverá céu diferente para pessoas neurodiversas porque lá não haverá governo nefasto.

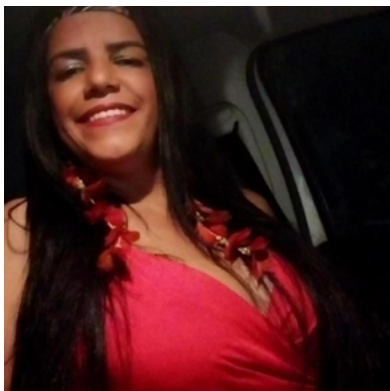
Art. 4. Não haverá separação entre periferia e centro. Todos fartarão do mesmo milagre do pão.

Art.5. Fica decretado ainda que as pessoas especiais ensinarão aos homens que o amor virará poesia e não se amará pela distinção de raça, etnia, cor, gênero ou religião.

Art. 6. Para fins de direito, será extinto do universo todo aquele que não jurar amor, amor e AMOR.

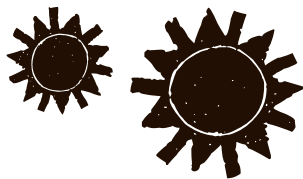
Sobre a autora

Rosidelma Fraga



Rosidelma Fraga nasceu em Alto Araguaia - MT. Banhada por Roraima há 10 anos. Filha de Rosalina Pereira e Joaquim Fraga, mãe de dois filhos especiais: Ivan Murilo e Tauany. Graduação em Letras/Literatura (Unemat). Mestrado e doutorado em Estudos literários (UFG). Escreveu a tese de doutorado *Recepção*

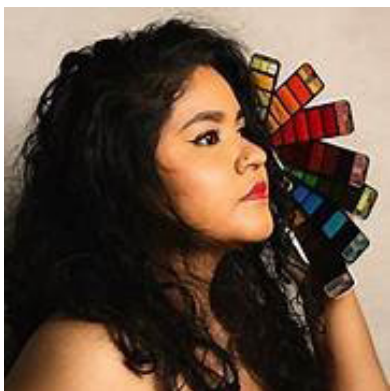
e convergência na obra de Manoel de Barros: poesia, ilustração e paratextualidade. Cursou Pós-doutorado em Cultura contemporânea (UFRJ) com o projeto de pesquisa *Identidade e Música de Zeca Preto, Eliakin Rufino e Neuber Uchôa*. Participou de diversas antologias literárias, resultantes de prêmios e seleções em concursos literários, três deles da Academia Brasileira de Letras. Nesta obra *Africanua*, a autora denuncia o racismo, exalta a negritude e traz uma contribuição para pensar as diferenças combatendo a



homofobia, a misoginia, entre outros temas que é uma homenagem a africanidade e ao erotismo da poesia negra. A autora recebeu diversas premiações literárias na categoria poesia. Além de sua atuação como professora de literatura na Universidade Federal de Roraima e escritora tem desenvolvido projetos de incentivo à leitura e produção literária, dentre os quais organizou livros de alunos como resultado de suas ações nas escolas. Tem dois blogs intitulados Poiesis Rosidelma Fraga e Orgasmo poético <https://rosidelmafraga.blogspot.com>. Premiada pela Lei Aldir Branc, com dois projetos A obra de Rosidelma Fraga em áudio e libras e O contador de histórias e o leitor de poesias. Em 2023 foi classificada no Edital Prêmio Carolina Maria de Jesus, pelo Ministério da Cultura. Autora das obras Poiesis em verso e prosa, Cantares de Amor e AmorAmante. Autora do livro infantil O mundo fantástico da menina Angelman, pela Wei Editora (2024) com apoio da Lei Paulo Gustavo/FETEC Boa Vista. Tem como defesa a luta pela inclusão por ser também uma pessoa com Transtorno do Espectro Autista, mero detalhe no quesito de suas várias habilidades como a literatura e a música.

Sobre a ilustradora

Kaiwino Wiz



Kaiwino Wiz nasceu em Roraima. Artista Visual. Graduada em Artes Visuais pela Universidade Federal de Roraima. Professora de Artes do Estado de Roraima. Mestrado em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Letras. Bordadeira. Ilustradora de livro *Mulheres que fazem sol* de Sony Ferseck, classifica-

do na primeira fase do Prêmio Jabuti 2023. Mulher indígena do povo Makuxi e Wapichana. O trabalho de Kaiwino Wiz é belíssimo e valoriza o corpo feminino gordo e ainda trabalha a ancestralidade indígena influenciada pelo tecer de sua mãe e as raízes de seu povo.

A obra poética AFRICANUA nasceu da iniciativa da poeta em escrever poemas que também homenageassem mulheres negras para o prêmio Carolina Maria de Jesus que por sua vez obteve uma significativa aceitação avaliativa ao ser classificado. Africanua é uma obra poética da autora, seu quinto livro literário, que tem como mote poético a exploração da palavra que é a junção sonora de “África”, “africano” e “nua”, cujo título traz a inventividade da palavra poética em quatro signos linguísticos que são: África, Africano, Africana, África Nua (aquela que se desnuda e se desvela e revela no conjunto e seu conteúdo que vai desde o poema “Africanua” que abre a obra até Manifesto da Poesia, último poema da obra). AFRICANUA chama a atenção para a escrita temática do livro que começa com a palavra AMOR e fecha com a mesma palavra perpassando todos os jogos de sedução, de Eros e negritude, isto é, a obra cumpre seu mote poético com jogos linguísticos criativos ao finalizar com um decreto/lei manifestando o respeito à humanidade pela diversidade cultural africana em combate ao racismo, pelo respeito às minorias sociais, pela neurodiversidade e igualdade étnico-racial descortinados por meio do signo AMOR. Por conseguinte, este signo será sempre original em todas as línguas, épocas e nações. É o que nosso país precisa depois do caos.

Esta obra recebeu apoio financeiro do Edital 08/2023 ao grupo de pesquisa Africanidades, literaturas e minorias sociais da UFRR.